

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL
NO SETOR DE ENERGIA: POTENCIAL
COOPERATIVO E IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS

Bruno Kern Duarte
Marco Cepik



O debate sobre as implicações políticas do crescimento econômico chinês é um dos mais importantes do começo do século XXI. Para o Brasil, é fundamental entender como a China irá se relacionar com nosso país nos próximos anos. Há três ordens de incerteza que afetam mais diretamente a percepção brasileira. A primeira é sobre a evolução e o próprio funcionamento do sistema político da República Popular da China (Duarte, 2014). A segunda é sobre como Pequim traduzirá seu poder econômico em termos políticos mais agregados (Ferchen, 2017). E a terceira é sobre a condução da política econômica e diplomática com a América Latina, contexto mais imediato das relações sino-brasileiras (China, 2016).

Nos últimos anos, a posição relativa da China no sistema internacional vem mudando de maneira muito rápida. Há autores (Li, 2014; Zhang, 2014; Zhang, 2016) que destacam como causa a política externa do grupo político que chegou ao poder junto com Xi Jinping. Claro que as orientações de cada governo fazem diferença, mas trata-se também de uma mudança estrutural, na qual a China procura se adaptar a um novo papel internacional como grande potência de relevância global. Seja qual for a combinação entre intencionalidade e adaptação, uma das reorientações mais relevantes feitas pela China no período mais recente foi no campo de economia política internacional. Principalmente, a tentativa de reposicionar suas reservas externas enquanto investe na parceria de longo prazo com seus parceiros na América do Sul (Cunha; Bichara; Lelis, 2013).

Bruno Kern Duarte é mestrando na Universidade de Peking.

Marco Cepik é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste texto, mesmo reconhecendo os três tipos de incerteza, discutiremos um aspecto das relações bilaterais, qual seja, o dos vultosos investimentos chineses no setor energético brasileiro nos últimos anos. Como se sabe, o crescimento econômico chinês das últimas décadas aumentou enormemente a demanda por recursos e, conseqüentemente, fez com que o país buscasse novas formas de suprir essas necessidades (ANP, 2014). O setor energético é um dos setores nos quais esta mudança foi mais importante, inclusive por tratar-se de um setor com impacto muito significativo na política externa da China, pois abrange questões econômicas, geopolíticas e securitárias (CUI, 2016).

Motivação e perfil dos investimentos chineses no Brasil

A combinação entre demanda chinesa por matérias primas e abundantes recursos naturais brasileiros propiciou a base para a parceria econômica entre os dois países. Além disso, ao longo das últimas décadas a política externa dos dois países esteve alinhada em diversas questões. Desta forma, a parceria entre ambos se consolidou e tornou-se mais abrangente. Já em 2006, a Comissão de Reforma e Desenvolvimento Nacional da China e o Ministério de Relações Exteriores do Brasil assinaram um Memorando de Entendimento para a criação da Comissão Sino-Brasileira de Alta Cooperação, com o objetivo de servir de plataforma intergovernamental para cooperação (MRE, 2009).

Naquela instituição foi estabelecido um subcomitê de energia e mineração para que a velocidade e qualidade da cooperação fosse melhor nessas áreas. Dentre os diversos modelos para a cooperação chinesa com o Brasil na área de energia, o modelo de maior sucesso até agora é o de empréstimos-por-petróleo. A base para esse negócio é a estrutura de financiamento na qual os recursos providos por um país credor estrangeiro, a China neste caso, é paga por um contrato de venda de petróleo de longo prazo em que parte do empréstimo é paga retirando certa margem na venda do óleo. O Brasil e a China se beneficiaram desta parceria, já que os brasileiros estavam precisando de financiamento relativamente barato

no curto prazo e os Chineses buscavam uma cobertura financeira para as importações de petróleo no longo prazo (Cui; Miranda, 2016).

Em 2015, a Petrobras e o Banco de Desenvolvimento chinês assinaram um acordo de cinco bilhões de dólares para garantir a cooperação financeira e energética na área de petróleo (Bustelo; Cariello; Frago, 2016). Além disso, como se pode ver no Gráfico 1, a comparação entre diferentes setores mostra o grande valor do investimento do país asiático no Brasil na área energética entre 2007 e 2013, incluindo energia solar, petróleo e gás e energia elétrica (geração e distribuição). Outros setores que também tiveram um investimento sólido foram a indústria automobilística, de eletrônicos, e o setor bancário, acompanhando a tendência mais geral de internacionalização de empresas chinesas e o tamanho do mercado brasileiro (Demeulemeester, 2015).

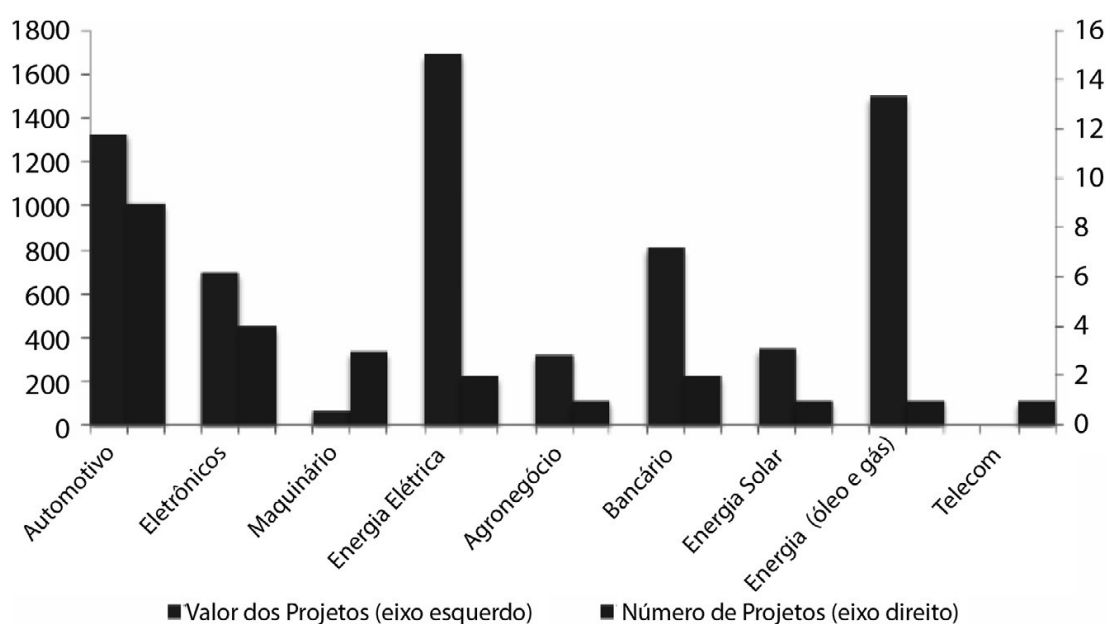


Gráfico 1 – Projetos Bilaterais China-Brasil por Setor (2007-2013)

Fonte: Demeulemeester (2015).

Além dos investimentos focados em petróleo e gás, pode-se destacar que o setor de energia elétrica teve uma grande participação de investimentos por empresas chinesas (Macedo, 2013). Tais inversões foram focadas principalmente em aquisições de participações em plantas

hidroelétricas e linhas de distribuições em todo o Brasil. A empresa estatal chinesa State Grid foi a que fez investimentos mais vultosos, tendo adquirido sete empresas de transmissão elétrica no Brasil e estabelecido uma empresa subsidiária no Brasil, com investimento inicial de três bilhões de reais. Em 2011, quando a Usina de Belo Monte começou a ser construída na Amazônia, tornando-se em breve a terceira maior hidroelétrica do mundo e a segunda maior do Brasil, a State Grid aproveitou a oportunidade para participar da operação de construção das linhas de transmissão de Belo Monte até a região sudeste. Em 2012, a State Grid fez outro grande investimento comprando mais linhas de transmissão por 750 milhões de dólares.

Outra empresa chinesa que vem participando fortemente na onda de investimentos no Brasil é a Three Gorges Corporation (CTG), que comprou por 500 milhões de dólares participação de 50 % em duas plantas hidroelétricas. Em 2014, a CTG adquiriu 49 % na participação de onze campos de energia eólica e comprou por 400 milhões de dólares uma empresa brasileira que controlava diversas pequenas hidroelétricas e linhas de distribuição no sul e sudeste do país. Além disso, o maior investimento da empresa foi em 2015, quando compraram 100 % da participação em duas grandes hidroelétricas, Jupia e Solteira, por 3,7 bilhões de dólares.

Paradoxalmente, os atuais tomadores de decisões brasileiros afirmam procurar atrair investimentos estrangeiros como forma de retomada do crescimento, inclusive modificando a legislação de apoio ao conteúdo nacional e de reservas estratégicas de mercado, ao mesmo tempo em que demonstram “preocupação” com o nível de investimento chinês no setor de energia. Ou seja, se os investimentos fossem europeus ou norte-americanos aparentemente não haveria problema (Viscidi, 2015).

Ora, a lógica dos fundos de investimentos estatais chineses que administram parte dos investimentos chineses na América Latina e Brasil priorizaram o setor energético exatamente porque este apresentou risco menor do que outras áreas em que os fundos chineses já investiram no Brasil (World Bank, 2016). Embora os retornos sejam relativamente me-

nores do que potencialmente poderiam ser se fossem alocados em outras atividades, como eles estão em grande parte administrando as reservas chinesas, é necessário um foco menor na diminuição do risco do que na possibilidade de altos retornos.

Na verdade, em outras áreas (como o setor agrário) as empresas chinesas já tiveram retornos negativos no Brasil, principalmente em decorrência da dificuldade para se adaptar ao ambiente político e regulatório brasileiro. Este foi o caso do Grupo COFCO, empresa estatal chinesa que atua na área do processamento, fabricação e comércio de alimentos. Ainda assim, no Mapa 1 se pode ver a diversidade de tipos e locais de investimentos chineses no Brasil em anos recentes (AIE, 2017).



Mapa 1 – Investimento Chinês no Brasil (2007-2015)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode ver, os investimentos chineses concentram-se principalmente no sudeste, região mais populosa e mais vibrante economicamente. Os pontos laranjas no estado de São Paulo são uma consequência da compra da principal empresa de linhas de transmissões daquele Estado.

Segurança energética na China e a cooperação com o Brasil

Do ponto de vista chinês, o investimento no setor energético brasileiro tem implicações positivas, ainda que indiretas, para a segurança daquele país. Ainda hoje, a China tem como sua principal fonte de energia o carvão, a qual não é sustentável no longo prazo.

E o Brasil é um dos países dos quais os chineses mais importam petróleo, atrás apenas da Rússia, Arábia Saudita, Angola, Omã, Iraque e Irã. Alguns destes países, como é o caso da Rússia, Irã e Angola, atualmente são mais próximos politicamente da China, mas nem sempre foi assim até um passado bastante recente. Outros países, como a Arábia Saudita, Iraque e Omã, tem relações muito próximas com os Estados Unidos da América (EUA) e, caso a relação entre chineses e estadunidenses fique mais tensa no futuro, Pequim pode ter problemas para importar hidrocarbonetos daqueles países (Fritschak; Soares; O’Conor, 2014).

Ao longo das próximas décadas, o mundo passará por importantes mudanças em termos da sua composição demográfica, meio ambiente, tecnologia e matriz energética. Transições globais cujas consequências e configuração final estão além do controle de qualquer ator, por mais poderoso que seja. No entanto, governos, empresas e pessoas continuarão interagindo, cooperativa e conflitivamente, para tentar obter soluções satisfatórias para seus problemas. No caso da República Popular da China, um país com 1,3 bilhão de pessoas atualmente, supondo que a economia do país continue crescendo, o consumo de energia *per capita* também continuará crescendo nas próximas décadas. Neste sentido, a garantia de um suprimento energético adequado é um imperativo de segurança prioritário para a China.

Neste sentido, os investimentos chineses em segurança no exterior são pautados sempre por considerações econômicas e políticas em proporções semelhantes. Em contraste, o ambiente de negócios brasileiro é caracterizado por incerteza econômica, bem como por falta de consenso e clareza quanto aos objetivos estratégicos do país. Nos próximos anos, para que ambos os países possam se beneficiar mutuamente de maneira mais equilibrada, as implicações políticas dos investimentos precisam ser melhor compreendidas e equacionadas evitando mal-entendidos e assimetrias excessivas. Mesmo com as complicações e problemas políticos, a cooperação energética entre ambos os países tem sido dinâmica o suficiente para suscitar sua continuidade no futuro.

Em 2015, por exemplo, ainda no contexto do primeiro encontro da Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac), foi acordado o Plano de Cooperação China-Celac 2015-2019. A proposta prevê seis campos prioritários de cooperação, dos quais a energia era o principal (Cui; Miranda, 2016). Para avançar, a cooperação dependerá do governo e da burocracia brasileira conhecerem melhor o sistema político e a dinâmica corporativa na China. Por outro lado, as empresas e também as autoridades chinesas precisarão conhecer melhor o sistema político, bem como a legislação comercial e ambiental no Brasil. Neste sentido, o novo escritório em São Paulo do China Council for the Promotion of International Trade (CCPIT) foi um passo relevante. Para as companhias que trabalham em petróleo e gás isto seria ainda mais importante, já que os impactos negativos ambientais dessas empresas são potencialmente maiores. As diferenças culturais e institucionais entre os dois países são grandes, mas não intransponíveis.

Conclusão

Os investimentos chineses no setor energético brasileiro nos últimos anos foram muito significativos (80 % do total em 2016). As relações econômicas e sino-brasileiras crescerão de importância nas próximas décadas, mas elas continuam sujeitas às dinâmicas internas de cada país, ao contexto

global, bem como dependem de outros atores, principalmente das relações bilaterais de ambos (Brasil e China) com os Estados Unidos. A recessão econômica e a crise institucional no Brasil criaram diversas incertezas quanto ao alcance e benefício mútuo da cooperação sino-brasileira (World Bank, 2016). Não obstante, a eventual retomada do crescimento econômico brasileiro demandará investimentos diretos estrangeiros ainda maiores. E, de fato, o Brasil é um país com grandes recursos naturais. Por sua vez, os investimentos chineses no Brasil atendem a cálculos econômicos e modelos de negócios, mas também aos objetivos estratégicos de Pequim na área de segurança energética. Portanto, para além da compra e venda de ativos, o que está em jogo é o futuro dos povos.

Referências

AIE. *China global investment tracker*. Disponível em: <https://www.aei.org/china-global-investment-tracker>. Acesso em: 2 out. 2017.

ANP. *National Agency of Petroleum, Natural Gas and Biofuels Statistical Yearbook 2014*. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/SITE/acao/download/?id=73192>. Acesso em: 2 out. 2017.

BUSTELO, S.; CARIELLO, T.; FRAGOSO, G. *Investimento chinês no Brasil*. Brazil-China Business Council. 2016.

CHINA, *Peoples Republic of China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean*. Beijing: Ministry of Foreign Affairs, 2016.

CUI, S. China's New Commitments to LAC and Its Geopolitical Implications. In: PEREZ GARCIA, M. *China and Latin America in transition*. [S.l.: s.n.], 2016.

CUI, S.; MIRANDA, O. Framing sino-brazilian energy cooperation: perspectives from China. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, 2016.

CUNHA, A.; BICHARA, J.; LELIS, M. América Latina y el Ascenso de China: una perspectiva desde Brasil. *América Latina Hoy*, 2013.

DEMEULEMEESTER, Julien. *Deja vú: Brasil e a renascença da dependência história motivada pela ascensão chinesa*. Dissertação (mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais). Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/147462?show=full>.

DUARTE, B. K. *O sistema político da China: desafios para a institucionalização*. Monografia (Graduação em Relações Internacionais). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FERCHEN, M. *China, economic development, and global security: bridging the gaps*. Carnegie-Tsinghua: Center for Global Policy, 2017.

FRITSCHAK, C.; SOARES, A.; O'CONNOR, T. *Chinese investments in Brazil from 2007-2012: review of IEA International Energy Agency*. London: World Energy Outlook, 2013.

LI, C. *Xi Jinping's inner circle - series*. China Leadership Monitor. 2014-2015.

LIU, J. *A new model for chinese overseas investment*. Project Syndicate. 2017.

MACEDO, M. *Analysis of bidding round until 2013: perspectives to oil exploration until 2020*. National Agency of Petroleum, Natural Gas and Biofuels, 2013.

MRE. *Plan for Joint Action between the Federative Republic of Brazil and the People's Republic of China, 2010-2014*. Brasília: Ministry of Foreign Relations, 2009.

VISCIDI, L. *Energy and politics in Brazil: a retreat from oil nationalism*. Harvard Review of Latin America. 2015

WORD BANK. *Data of Brazil*. 2016. <http://data.worldbank.org/country/brazil>.

ZHANG, Q. Bureaucratic politics and chinese foreign policy-making. *The Chinese Journal of International Politics*, v. 9, p. 435-458, 2016.

ZHANG, Q. Toward an integrated theory of chinese foreign policy: bringing personality back in. *Journal of Contemporary China*, v. 33, n. 89, p. 1-21, 2014.



EXPLORING THE CHINESE LANGUAGE TEACHING
IN THE CONFUCIUS INSTITUTE AT UFRGS

Tiejun Gu



By 2018, with supports from Hanban, the Headquarters of the Confucius Institutes, more than 500 Confucius Institutes have been established in more than 140 countries all over the world. According to the Constitution and By-Laws of the Confucius Institutes, “Confucius Institutes devote themselves to satisfying the demands of people from different countries and regions in the world who learn the Chinese language, to enhancing understanding of the Chinese language and culture by these peoples, to strengthening educational and cultural exchange and cooperation between China and other countries, to deepening friendly relationships with other nations, to promoting the development of multi-culturalism, and to construct a harmonious world.” So obviously, Chinese language teaching is the one of the main tasks of the Confucius Institutes, and in almost all the Confucius Institutes some Chinese courses are provided for the local citizens. But what kinds of Chinese courses should be provided by the Confucius Institutes? Is there a universal syllabus for all of them? The answer is negative. There is no such a syllabus because the demands by the learners in different countries are very much varied. Therefore, of all the tasks of building up a new Confucius Institute, setting up a system of Chinese language teaching is the work first and foremost.

A Chinese language teaching system is a general plan in the form of a syllabus which is composed by mainly three sectors: teaching materials, teaching methods and teaching plans. And the whole system must be set

Tiejun Gu is professor doctor, Chinese Director of the Confucius Institute at UFRGS.

up on the base of an accurate analysis of the students and teachers; or in other words, the choices of teaching materials, teaching methods and modes of teaching plans depend on the characteristics of the students potential and the teachers available.

The Confucius Institute at UFRGS was founded in 2012, which was cosponsored by the Communication University of China (CUC) and the Federal University of Rio Grande do Sul of Brazil (UFRGS). According to the agreements between the two universities, CUC would send Chinese teachers and teaching materials to the Institute at UFRGS while UFRGS would provide the classrooms, offices, equipment and administrative staff. Meanwhile, Hanban would support with management instructions and some financial aids. The cooperation among the three institutions in this way would ensure the necessities of the institute.

It is the commonly accepted teaching principle that the students are considered as the center while the teachers are taken as the instructors, so the designing of the teaching system must be based on conditions of the students. In the first few semesters, we made an investigation on the origins and social backgrounds of the students. We found most of our students were from the students and teachers of UFRGS, as they had the convenience of getting the admission information and were able to get enrolled easily. We also had some students from Proto Alegre, the local city, and some neighboring cities, who were from all walks of life. Their ages were varied very much, from teenagers to the aged, though most of them were youngsters. All our students were native Brazilians, with Portuguese as their native language. Due to the lack of Chinese language teaching in the schools and universities here, almost all the students would study Chinese as beginners in the Confucius Institute.

As the psychological modes of language learning are different between adults and children, we put our classes into two kinds, classes for adults and classes for children. For the convenience of students, the classes of adults were arranged on different campuses of UFRGS, and the classes of children were put at the schools with which we had established cooperative relations.

The students' purpose of studying Chinese language is one of the most important factors that we must consider in setting up the teaching system and finally forming the syllabus. Our surveys showed these results:

Most students studied Chinese language in the Confucius Institute at UFRGS to obtain a foreign language ability that might be a tool or help in their future career.

Some students took some courses in the institute because they wanted to learn some Chinese language and Chinese culture out of interest.

Many students planned to study in China. To enter a university or a colleague in China, they must study Chinese language and pass a test of HSK and HSKK on a certain level. HSK and HSKK are the language proficiency tests of written and spoken Chinese organized by Hanban for all foreign students.

A few students would take Chinese language and literature as their major in their education and their profession in their future career. They studied Chinese language intensively to become a teacher or a translator of Chinese language.

Putting all these results in consideration, we found a Chinese language teaching system centered on HSK test would be very proper, because the courses targeting HSK and HSKK tests would satisfy the demands of the students who would be the examinees directly, and for other students, the courses would also be in a very scientifically levelled system.

A good Chinese language teaching system must be student-oriented, but on the other hand, the organizing and practicing role of the teachers must be emphasized. In the Confucius Institute at UFRGS, almost all the Chinese teachers come from China, though Hanban encourages the institute to invite some local teachers to teach together with them. Obviously, it is one of the advantages of the Confucius Institute that almost all the teachers are native Chinese speakers, who have received some training in Chinese language teaching for foreigners before they are assigned to work here in Brazil. There are two kinds of Chinese teachers assigned to work in the Confucius Institute by Hanban, the professional Chinese teachers and volunteer Chinese teachers. The former are the

professional teachers in China and assigned to work overseas temporarily, the later are some post-graduate students in China, who are arranged to work overseas for a short term as volunteers. Of course, the professional teachers are experienced and qualified for the teaching work, but the volunteer teachers have their advantages, too. Because of their young age and agility, they are very good at organizing Chinese language and cultural activities, both in and out of class. And moreover, it is easy for the volunteer teachers to get along very well with the students who are mostly youngsters, too, and this is very helpful to the Chinese language teaching and learning.

Considering the backgrounds and demands of the students, we take the following three aspects of language competence as our teaching objectives: (1) Students should develop listening, reading, speaking and writing skills necessary for effective interaction in Chinese. (2). Students should obtain some basic knowledge of phonetics, grammar and rhetoric of Chinese. (3) Students should develop some fundamental knowledge of Chinese culture and an understanding of the interdependence of language and culture. Students should be able to recognize some features of Chinese culture by comparing Chinese and Brazilian cultures.

Though our Chinese language teaching in the institute starts from the beginning stage, we need to set our goals at high levels. Basing on the research of all the factors of the institute, we decided to build up our teaching system according to the HSK test, so in our syllabus, we adopted the leveling system from HSK test, levels from 1 to 6. According to the introduction to HSK test on the website of www.chinesetest.cn, “the HSK testing system is the result of coordinated efforts by domestic and foreign experts from different disciplines including Chinese language teaching, linguistics, psychology and educational measurement. It consists of six levels, namely the HSK (level I), HSK (level II), HSK (level III), HSK (level IV), HSK (level V) and HSK (level VI), corresponding to the levels of the Chinese Language Proficiency Scales for Speakers of Other Languages (CLPS) and the Common European Framework of Reference for Languages (CEF) as follows:

HSK	Vocabulary	CLPS	CEF	Credit
HSK (Level VI)	Over 5,000	Level V	C2	2
HSK (Level V)	2500		C1	2
HSK (Level IV)	1200	Level IV	B2	2
HSK (Level III)	600	Level III	B1	1
HSK (Level II)	300	Level II	A2	1
HSK (Level I)	150	Level I	A1	1

Students of levels I, II and III study 3 hours of class each week, 16 weeks each semester, so they can get 1credit for taking the course. Students of levels IV, V and VI study 6 hours each week, 16 weeks each semester, so the corresponding credit for each level is 2.”

To get admission into a university in China, besides HSK test, foreign students are required to take HSKK test and get a passing score. HSKK consists of three levels, HSKK (Primary level), HSKK (Intermediate level) and HSKK (Advanced level). HSKK is conducted in the form of audio recording.

Following the leveling system of HSK and HSKK tests, we set up the curriculum of Chinese courses in the Confucius Institute at UFRGS, which is the basic structure of the teaching syllabus of the institute. To strengthen the teaching of level three, we added the course of Chinese Listening and Speaking Level III:

Level	Course	Class hours
Level I	Comprehensive Chinese Level I	48
Level II	Comprehensive Chinese Level II	48
Level III	Comprehensive Chinese Level III	48
	Chinese Listening and Speaking Level III	48
Level IV	Comprehensive Chinese Level IV	48
	Chinese Listening and Speaking Level IV	48
Level V	Comprehensive Chinese Level V	48
	Chinese Listening and Speaking Level V	48
Level VI	Comprehensive Chinese Level VI	48
	Chinese Listening and Speaking Level VI	48
Total:		480

Here are the target outcomes that we set for each level of this teaching system:

Students who have finished the course of level I can understand and use very simple Chinese words and phrases, meet basic needs for communication and possess the ability to further their Chinese language studies.

Students who have finished the course of level II have a firm grasp of basic Chinese and can communicate in simple and routine tasks requiring a simple and direct exchange of information on familiar and routine matters.

Students who have finished the course of level III can communicate in Chinese at a basic level in their daily, academic and professional lives. They can manage most communication in Chinese when travelling in China.

Students who have finished the course of level IV can converse in Chinese on a wide range of topics and are able to communicate fluently with native Chinese speakers.

Students who have finished the course of level V can read Chinese newspapers and magazines, enjoy Chinese films and plays, and give a full-length speech in Chinese.

Students who have finished the course of level VI can easily comprehend written and spoken information in Chinese and can effectively express themselves in Chinese, both orally and on paper.

We attach much importance to the selection and preparation of our teaching Materials, as in Porto Alegre Chinese books are rare either in libraries or bookstores. The lack of teaching and reference materials is one of the difficulties we have been facing in the institute. To solve this problem, we have established a reading room on the ground floor in the Building of the Institute of Letters on the Campus Vale, where we have more than 5000 copies of books in Chinese and more than 500 digital disks. All these materials were donated by Hanban. There are mainly two kinds of books: (1) the reference books like dictionaries, and (2) the textbooks. There are also some diagrams and pictures. There are three kinds

of digital disks: (1) Chinese films, (2) TV plays and documentaries, and (3) Digital books. All students are welcome to come and read the books here in this reading room.

All the textbooks used in the institute are selected from the textbooks provided by Hanban. To satisfy the great demands of textbooks by the students and teachers, Hanban has purchased the copyright of the book so we can reprint the books as many copies as we need. Presently, the textbook we use for students of Level I and Level II is *Follow me to study Chinese* published by People's Education Press in 2010, along with its recording CD and the supplementary book of exercises. For students of Levels III and IV, the textbook is *Modern Chinese for Intermediate Students*, along with its recording CD and supplementary book of exercises. The Textbook for students of levels V and VI is *Modern Chinese for Advanced Student*, along with its recording CD and supplementary book of exercises, too. These two books as a series was published by the Chinese Language Press in 2010. We selected these books mainly for two reasons. One is that they were compiled by native Chinese teachers, so the teachers in the institute are very familiar with the modes of content organization. The other reason is that all these books are annotated in Portuguese already.

Considering the two factors, (1) the students are mostly adults and beginners, (2) the teachers are native Chinese speakers and well-trained teachers, we decided to adopt two main teaching methods, the communicative approach and the direct approach. Both the methods emphasize the cultivation of communicative competence of the students in the language they are learning, and all the learning process should start from basic spoken language. Therefore, in our Chinese classes, we encourage all the teachers and students speak only in Chinese and try to avoid using either English, their learned foreign language, or Portuguese, their native language. In this way, we can form an atmosphere of Chinese Language and culture intensively and completely in the institute. To help the students to understand the teacher's class conduction and explanation in Chinese, the Chinese teacher are encouraged to use all kinds of effective

teaching aids, such as facial expressions, body language, pictures, diagrams, slide show, animations, videos, physical samples and so on. The key to effective learning of Chinese is to master listening and speaking first, followed by reading and writing. In addition to lectures, the teachers are encouraged to organize different kinds of class activities

Through the years of exploration in our Chinese language teaching in the Confucius Institute at UFRGS, we have established a teaching system of three interrelated and interdependent sections: a series of leveled courses, the textbooks and the teaching methods. And the whole system is built up on the base of accurate research and analysis on the situations of students, the characteristics of the teachers and the teaching facilities. The development of the institute has proved that the system is very fitful and efficient to the students here in Rio Grande do Sul, Brazil. In the past six years, the total number of registered students has amounted to 2330, of whom 25 students have passed the HSK and HSKK tests and won the scholarships to study in China.

Bibliography

COMMERCIAL PRESS. *Handbook for teachers of teaching chinese as foreign language*. Beijing, mar. 2012.

COMMERCIAL PRESS. *Introduction to teaching chinese as a foreign language*. Beijing, jul. 2004.

HANBAN. *International curriculum for chinese language education*. Beijing: Confucius Institute Headquarters, Foreign Language Teaching and Research Press, 2008.

LU, F. *Practical chinese grammar for teaching chinese as a foreign language*. Beijing: Beijing Language University Press, 2012.

SUN, D. *Research on chinese grammar and teaching methods for teaching chinese as a foreign language*. Beijing: Commercial Press, 2006.

WU, Y. *Methodology of teaching chinese as a foreign language*. Beijing: Commercial Press, 2012.

ZHANG, H.; YANG, N. *Teaching methods for teaching comprehensive chinese courses*. Beijing: Beijing Language University Press, 2006.

ZHAO, J. *Comprehensive explorations on teaching chinese as a foreign language*. Beijing: Commercial Press, 2012.